



ADVERBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

Vol.16 - N. 31 | 2021 | ISSN 1808-883X

A RECONSTRUÇÃO DE MARTINA CHAPANAY NO CONTO HISTÓRICO EL MAESTRO Y LA REINA DE LAS AMAZONAS (2001)

Rosangela Alves da Silva

A RECONSTRUÇÃO DE MARTINA CHAPANAY NO CONTO HISTÓRICO *EL MAESTRO Y LA REINA DE LAS AMAZONAS* (2001)

Rosangela Alves da Silva¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar a figura do imaginário popular argentino, Martina Chapanay, e sua recriação por meio do conto "*El Maestro y la Reina de las Amazonas*" (2001), de María Rosa Lojo, evidenciando como a releitura histórica contribui para a ressignificação da identidade de um lugar. Chapanay é, até hoje, uma figura viva no imaginário popular argentino, por ter lutado ao lado de Facundo Quiroga no século XIX, na luta pela independência das colônias espanholas, e é recriada, com maestria, pela autora María Rosa Lojo, em um dos catorze contos da obra *Amores insólitos de nuestra historia* (2001), permanecendo fiel a sua descrição popular, no entanto a partir de um encontro fora dos campos de batalha. O método utilizado no desenvolvimento da presente pesquisa é o da revisão bibliográfica, sendo trazidas considerações de autores como Jacques Le Goff (1986); Jean Scott (2007); Esteves (2010; 2016); Fanchin (2014); Marques (2016) e Biancato e Fleck (2018), para com eles analisar e interpretar a personagem supracitada a partir do viés da narrativa de extração histórica, com o intuito de evidenciar como essa reconstrução da História a partir das narrativas ficcionais são importantes para a construção da identidade argentina. A proposta foi considerar como pilares questões como a marginalização dos discursos feminino e indígena na formação identitária argentina, os quais são evidenciado na obra em questão, possibilitando uma nova versão dos fatos, a partir do ponto de vista de Chapanay, mulher de descendência huarpe, possibilitando momentos reflexivos que podem contribuir para a ressignificação da identidade do povo argentino.

Palavras-chave: Martina Chapanay. História e ficção. Ressignificação.

¹ Professora de Português e Espanhol e respectivas Literaturas. Licenciada pela UNIOESTE - Campus de Cascavel. Mestre em Letras - PPGL – UNIOESTE.

La leyenda de las fabulosas amazonas sudamericanas, que vivieron en las márgenes del río Marañón, no nos parece un desvarío histórico si se la compara con la realidad de estas mujeres argentinas.
(Marcos Estrada).

INTRODUÇÃO

A obra *Amores insólitos de nuestra historia* (2001), de María Rosa Lojo, apresenta um compilado de 14 contos, que têm como principal característica a mescla entre história e ficção, apresentando, além de um pano de fundo histórico em seus enredos, a participação de algumas figuras históricas que permeiam a memória coletiva da população argentina. Os contos presentes nessa obra vão além do que a História positivista construiu como discurso hegemônico, pois são criados, por meio de enredo ficcional, novas possibilidades de se contar como se constituiu a identidade do povo argentino. Dessa forma, utilizando uma linguagem amena e fluida, que se aproxima do espanhol utilizado cotidianamente pelos falantes hispano-americanos, a autora apresenta uma releitura crítica de um período extremamente relevante para a construção identitária do povo argentino.

A organização da obra de Lojo traz uma linearidade temporal que parte do momento da conquista da América, por volta de 1500, depois abarca o período da fundação da nação argentina, a partir dos fatos apresentados pelo discurso hegemônico, se findando nos tempos modernos, em 1900. Essa organização permite que o leitor tenha uma visão ampla de como sucederam alguns fatos da história argentina, a partir de enredos ficcionais que envolvem figuras históricas.

Segundo Biancato e Fleck (2018),

Essa linha temporal cronológica permitirá à escritora embarcar no projeto da (re)territorialização do espaço ocupado pelo discurso eurocêntrico, com perspectivas diferenciadas daquelas consagradas na história e o arraigamento identitário de um povo híbrido e mestiço, constituindo, assim, um sentimento de pertença entre a grande multiplicidade cultural reinante nessa territorialidade geográfica e simbólica (BIANCATO; FLECK, 2018, p. 62-63).

Segundo Esteves (2010) houve muito tempo em que o discurso histórico e o discurso ficcional se misturavam, sem haver pontos que os distinguissem entre si e,

embora Aristóteles tenha pontuado a divisão dos dois: o discurso histórico daria conta de fatos e o discurso ficcional daquilo que poderia ter ocorrido, foi somente no século XIX que as duas áreas do conhecimento se separaram, o que não garantiu uma total ruptura entre elas (ESTEVES, 2010, p. 18).

A mescla entre ficção e história é, sem dúvida, a principal característica do romance histórico, entretanto não é exclusiva do gênero, haja vista que toda obra literária constitui um modo de olhar para o mundo e retratá-lo, pois sendo constituída a partir de um determinado contexto histórico, com tempo e lugar específicos, todos esses elementos figuram, em certa medida, a vida social que carrega desse *lócus* os valores, as angústias, os medos e as esperanças que animam as relações dessa mesma vida social. De acordo com Fleck (2013),

[...] a leitura do romance histórico consiste numa sobreposição de diferentes visões de um mesmo passado. Passado este que já foi reconstruído pelo historiador – e que chega até nós por meio de seu discurso assertivo científico –, pelo romancista – cujo discurso é, normalmente, desmistificador – e que, no ato da leitura, deverá ser da mesma forma reconstruído, interpretado e compreendido pelo próprio leitor. Seu *background* é de suma importância, pois esta sua (re)leitura requer uma participação extraordinária dos conhecimentos acumulados ao longo da vida. O que se deve considerar neste caso é que todas as leituras serão hipóteses sobre o passado. História e literatura se distinguem, deste modo, pelo tipo de leitura que tentam provocar (FLECK, 2013, p. 06).

A partir dessa reflexão de Fleck (2013), podemos perceber que tanto História quanto literatura têm interesses específicos ao contarem os fatos históricos, e sabido também é que toda narrativa parte da perspectiva de quem o faz, dessa forma pretendemos evidenciar neste artigo como esse trabalho de (re)contar a história a partir de um viés literário se faz importante para a reflexão acerca da história de um lugar ou de um povo, a partir de um dos contos de Maria Rosa Lojo, que traz como protagonista uma figura histórica do imaginário popular argentino.

A LENDÁRIA MARTINA CHAPANAY E O CONTO *EL MAESTRO Y LA REINA DE LAS AMAZONAS*

“*El Maestro y la Reina de las Amazonas*” é um dos catorze contos trazidos na obra *Amores insólitos de nuestra historia* (2001), de Lojo, e traz como protagonista a

personagem Martina Chapanay, que se caracteriza como uma representação da personalidade histórica do imaginário nacional argentino, que tem sua história reproduzida oralmente desde o século XIX por meio de lendas e também por várias obras literárias, conforme descreve Fanchin:

*Martina Chapanay forma parte del folclore cuyano desde el siglo XIX. Pedro Desiderio Quiroga en 1865 y Pedro Echagüe en 1894 fueron los primeros autores que recopilaron referencias transmitidas oralmente y editaron sendas novelas. A partir de esos relatos ficcionales se ha continuado construyendo el imaginario popular de esta cuyana, en prosa, poesías y canciones, cada vez más difundido por las nuevas tecnologías comunicacionales*²(FANCHIN, 2014, p. 119).

Chapanay tem sua história recriada e recontada por diversos autores, o que causa, muitas vezes, desencontros de informações sobre sua vida, no entanto, o que se mantém em todas as obras conhecidas é a sua essência, conforme Fanchin: "*Las distintas versiones que han aparecido, aunque presentan datos discordantes y a veces hasta incongruentes, siempre resaltan su arrojo y valentía*³" (FANCHIN, 2014, p. 120).

O estudo intitulado *La leyenda de Martina Chapanay*, de Susana Chertudi (1971), apresenta transcrições de 17 versões folclóricas transmitidas oralmente sobre a história de Martina Chapanay, em pesquisa datada de 1965, apoiada pelo Instituto Nacional de Antropología da Argentina. "*Transcribimos seguidamente 17 versiones procedentes de la Colección de Folklore y la información obtenida en el curso de un viaje de investigación antropológica de campo a la provincia de San Juan [...]*⁴" (CHERTUDI, 1971, p. 224). Muito embora as versões apresentem enredos diversos – se atendo a momentos e passagens distintos da vida de Chapanay presentes no imaginário popular – observa-se que as características pessoais são recorrentes quando descrevem Martina.

² Nossa tradução livre: Martina Chapanay faz parte do folclore de Cuyo desde o século XIX. Pedro Desiderio Quiroga em 1865 e Pedro Echagüe em 1894 foram os primeiros autores a coletarem referências transmitidas oralmente e editarem romances. A partir desses relatos ficcionais, a imaginação popular desta cuyana continuou a ser construída, em prosa, poesias e canções, cada vez mais divulgada pelas novas tecnologias comunicacionais.

³ Nossa tradução livre: As diferentes versões que apareceram, embora apresentem dados discordantes e às vezes até incongruentes, sempre destacam sua coragem e valentia.

⁴ Nossa tradução livre: Transcrevemos a seguir 17 versões procedentes da Coleção Folclore e a informação obtida durante o trajeto de uma visita de pesquisa antropológica de campo à província de San Juan.

A partir da análise dos relatos colhidos, a pesquisa citada apresenta um levantamento das principais características de Martina Chapanay e, segundo os dados, ela se caracteriza como "*jinete, domadora, rastreadora, cazadora de avestruces, manejo del facón, fumadora, bebedora como sus gauchos, peleaba mejor que un hombre*"⁵ (CHERTUDI, 1971, p. 233-234).

O resumo oficial da pesquisa de Chertudi assim a descreve:

*A mediados del siglo pasado actuó en el este de la provincia de San Juan una mujer de aspecto varonil, llamada Martina Chapanay. Era jefe de un grupo de salteadores de caminos que robaban hacienda y arreos con carga o asaltaban a viajeros, castigando a quienes se resistían.*⁶(CHERTUDI, 1971, p. 235).

As diversas versões disponíveis na rede sobre a biografia de Martina Chapanay apontam que ela era filha de um cacique huarpe⁷ e de uma habitante de San Juan, e desde muito nova demonstrava grande habilidade ao montar cavalos e manusear facas e ferramentas. Martina se destacou na história argentina quando participou, ao lado de Facundo Quiroga, pela luta da independência de colônias espanholas (NASCIMENTO e FRANKLIN, 2007).

Nesse íterim as lutas que marcaram este período decisivo para a formação da identidade argentina foram protagonizadas por dois grandes grupos:

[...] um defensor do Estado liberal e centralizador, organizado em torno do partido denominado *unitário* [...] e outro adepto do Estado Conservador e descentralizado, que almejava a autonomia das províncias argentinas sob o comando dos chefes locais, eram os federalistas (NASCIMENTO e FRANKLIN, 2007, p. 02).

A representação de Chapanay neste conto contribui assim, para que a figura do natural seja evidenciada como participante do processo identitário do país, uma vez que sua história tem ligação direta com o período dos grandes embates e combates decisórios no que se refere à constituição do país. Quanto à temática que permeia o

⁵ Nossa tradução livre: [...] cavaleira, domadora, rastreadora, caçadora de avestruzes, manuseava o facão, fumante, bebedora como seus gauchos, lutava melhor que um homem.

⁶ Nossa tradução livre: Em meados do século passado atuou no leste da província de San Juan uma mulher de aspecto viril, chamada Martina Chapanay. Era chefe de um grupo de assaltantes de estrada que roubavam fazendas e arreios com carga ou assaltavam os viajantes, castigando quem resistia.

⁷ Os huarpes são indígenas naturais da Argentina, da região de Cuyo, província de San Juan, Mendoza e San Luis.

enredo do conto *El Maestro y la Reina de las Amazonas*, trazemos à baila considerações da pesquisa de Biancato e Fleck (2018):

Quanto à gênese do texto destacado, María Rosa menciona no posfácio do livro, que o conto se inspira em uma narrativa de Marcos Estrada (1962) – *“Martina Chapanay: realidad y mito”*, na qual Martina, na sua época de banditismo, havia estado em Pueblo Viejo para apossar-se de um jovem, pelo qual se sentia atraída. Lojo busca inspiração também na descrição de Martina Chapanay empreendida pelo biógrafo Pedro Echagüe (1884), na qual ela se mostra com especial curiosidade em aprender a ler e escrever (BIANCATO e FLECK, 2018, p. 75).

Em sua pesquisa os autores abordam – dentre outros aspectos – questões relacionadas à escrita da autora, a qual engendra o resgate da memória histórica argentina a elementos ficcionais. Nas palavras dos pesquisadores:

A escrita híbrida proposta por María Rosa Lojo entrelaça dados da história, artifícios da ficção e aspectos da memória coletiva argentina num texto fluído e verossímil no qual emergem, das sombras do esquecimento, figuras inusitadas e carismáticas (BIANCATO e FLECK, 2018, p. 03).

Os pesquisadores dissertam ainda sobre a humanização de heróis nacionais argentinos retratados na obra de Lojo, como é o caso da lendária Martina Chapanay:

Nas narrativas híbridas de Lojo, as personagens históricas são ficcionalizadas e tal processo lhes assegura a humanização necessária que lhes permite a possibilidade de contar uma “outra” história, sob uma perspectiva diferente daquela exposta na historiografia hegemônica oficial. Nesse processo escritural, María Rosa faz sua opção por essa via da ‘humanização’ dos grandes heróis nacionais e pela ‘evidenciação de vozes silenciadas’ com relação àquelas personagens marginalizadas nos discursos oficiais (BIANCATO e FLECK, 2018, p. 04).

Assim, a partir da composição da obra em análise na presente pesquisa, Lojo resgata no folclore argentino a memória da lendária guerreira Martina Chapanay por meio de uma linguagem amena, com um enredo que contempla, ao mesmo tempo, um fato inusitado e a vida cotidiana e, conforme pontua Jacques Le Goff (1986): “no seio do cotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece na outras perspectivas da história: a memória” (LE GOFF, 1986, p. 81 apud MARQUES, 2016, p. 15).

Desse modo a obra de Lojo apresenta essa mesma Martina, corajosa e valente, no entanto, não em campo de batalha, tampouco atrás de justiça. A primeira parte do

conto, intitulada "Pueblo Viejo y Pie de Palo, 1850", descreve a chegada marcante de um cavaleiro a Pueblo Viejo:

*Apareció una mañana en Pueblo Viejo, cerca del mediodía. Al principio era sólo un remolino de azogue, con un sonido brillante de metales que chocan. Tantas prendas de plata lucía la cabalgadura que el jinete pasaba casi inadvertido y hasta achicado, como una mosca en una telaraña de revérberos y deslumbramientos*⁸ (LOJO, 2001, p. 129).

A figura parou em frente à escola e ali ficou imóvel, até o findar das atividades, chamando a atenção dos alunos que acabaram dispersos. Estava o cavaleiro " *vestido como gaucho en día de fiesta*⁹" (LOJO, 2001, p. 130). Assim, o professor teve seu primeiro contato com Martina, conforme ele mesmo descreve:

*Como yo no llevaba sombrero, lo saludé con una inclinación. Pero él, que sí iba con el chambergo puesto, se lo quitó en un golpe de sorpresa para que le cayeran sobre los hombros dos trenzas negras. Me sonrió entonces. No sé si realmente tenía los dientes muy blancos o si contrastaban en exceso con la piel morena, pero el efecto de relámpago fue tan intenso como la incisión rabiosa que el sol dejaba en los aperos de plata cuando se los avistaba de lejos. Me miró de arriba abajo, como midiéndome o estudiando para qué cosa podría yo servirle. Antes de que se volviera para la serranía sin decirme una palabra, aprecié los ojos garzos incompatibles con el color de la piel, y la boca grande y llena que se le dibujaba sola, sin ayuda alguna del carmín de Chile*¹⁰ (LOJO 2001, p. 130).

A cena se repetiu ao longo de uma semana, a mesma figura estava sempre em frente à escola, chegando cada vez mais cedo, o que deixou as crianças cada vez menos curiosas com sua presença, no entanto o professor, ao contrário, cada vez mais apreensivo, por nem ao menos saber de quem se tratava. No domingo seguinte, na igreja, ele pode notar que as pessoas se afastavam dele, sempre cochichando, até que

⁸ Nossa tradução livre: Apareceu uma manhã em Pueblo Viejo, perto do meio dia. A princípio era somente uma agitação na praça, com um som cintilante de metal se chocando. Tantos acessórios de prata iluminavam a montaria que o cavaleiro passava quase despercebido e até encolhido, como uma mosca em uma teia de aranha iluminada e brilhante.

⁹ Nossa tradução livre: vestido como gaúcho em dia de festa.

¹⁰ Nossa tradução livre: Como não usava chapéu, o cumprimentei com uma inclinação. Mas ele, que seguia com o chapéu, o retirou com um gesto de surpresa para que caíssem sobre seus ombros duas tranças pretas. Sorriu para mim então. Não sei se realmente tinha os dentes muito brancos ou se contrastavam excessivamente com a pele morena, mas o efeito de relâmpago foi tão intenso como reflexo raivoso que o sol deixava nos acessórios de prata quando se avistava de longe. Me olhou de cima abaixo, como me medindo ou estudando para que eu poderia lhe ser útil. Antes de que voltasse para a serra sem me dizer uma palavra, apreciei os olhos azuis incompatíveis com a cor da pele, e a boca grande e cheia que se desenhava sozinha, sem ajuda alguma do carmin do Chile.

o padre foi ter com ele e perguntou: "*¿Así que la Martina Chapanay lo anda buscando, maestro?*"¹¹ (LOJO, 2001, p. 131). E foi então que o professor soube de quem se tratava.

Alguns dias depois, durante uma viagem o professor foi surpreendido por Martina Chapanay, que o sequestrou, revelando depois que desejava que ele a ensinasse a ler e a escrever. Passado algum tempo, o professor falou de suas preocupações com seus alunos que estavam sem aulas e sobre o advogado que o esperava, Martina questionou como poderia se preocupar com os alunos e a herança ao mesmo tempo, se quando recebesse o dinheiro não seria mais professor daquela escola, e ele, já envergonhado com seus próprios sonhos, tratou de "*herirla donde más le doliera*"¹² (LOJO, 2001, p. 138), e questionou sobre sua atuação ao lado do General Quiroga, colocando em dúvida a validação de suas batalhas. Martina assim o respondeu:

– *No di la sangre por Facundo Quiroga. La di por mi tierra. Para que pudiéramos respirar sin pedirles permiso a los porteños, para que nos respetaran y nos dejaran ser lo que queríamos ser. Y di mucho más que mi sangre. Di un hijo que no pudo nacer, y di al único hombre que quise. Los dos luchamos juntos más de diez años. Pero me lo mataron en La Ciudadela, al frente de las bayonetas*¹³ (LOJO, 2001, p. 139).

Neste trecho da obra se evidencia a força e a destreza da personagem Martina Chapanay, quando esta afirma ter dado o sangue por sua terra, além de ter, pelas batalhas, perdido um filho e o único homem que desejou na vida. Obviamente por se tratar de um conto de extração histórica, o olhar lançado para a personagem remete à figura histórica, que realmente lutou ao lado de Facundo e tem sua história viva entre as lendas que o povo argentino conta.

A aprendizagem de Martina encerrou com a leitura da obra *Facundo o Civilización y barbárie*, de Sarmiento, livro que o professor levava em sua bolsa, o que dizia bastante sobre o seu posicionamento sobre o período das batalhas que envolveram os federalistas e o partido unitário, uma vez que o próprio Sarmiento fazia

¹¹ Nossa tradução livre: Então a Martina Chapanay anda procurando por você, professor?

¹² Nossa tradução livre: Machucá-la onde mais lhe doía.

¹³ Nossa tradução livre: - Não dei o sangue por Facundo Quiroga. Dei por minha terra. Para que pudéssemos respirar sem pedir permissão aos portenhos, para que nos respeitassem e nos deixassem ser o que queríamos ser. E dei muito mais que meu sangue. Dei um filho que não pode nascer, e dei o único homem que eu quis. Nós dois lutamos juntos mais de dez anos. Mas o mataram em La Ciudadela, em frente às baionetas.

parte do segundo. O que fez com que, obviamente, Chapanay se indignasse com algumas passagens da obra, questionando os trechos que caracterizavam Quiroga. A personagem Martina assim pontuou:

- Su señor Sarmiento a veces parece una vieja contando chismes, y suele equivocarse fiero, de medio a medio. Casi no acierta una, ni siquiera cuando dice que Facundo vivía corriendo tras las hembras bonitas. Eran más las que a él le tenían echado el ojo, tanto por su fama como por su fortuna. Tampoco es verdad que hiciese la guerra de puro bruto: tanto él como nosotros sabíamos bien lo que queríamos y lo que nos convenía. Pero sí me gusta cómo lo pinta al Tigre peleando. Es tal como si lo viera ahora mismo con los ojos¹⁴ (LOJO, 2001, p. 139-140).

É interessante notar que, por meio do discurso da personagem Martina Chapanay, há uma releitura de quem foi Facundo Quiroga e de como sucederam os fatos sobre o período do movimento de independência das colônias espanholas na Argentina, colocando em dúvida a visão da história trazida no livro de Domingos F. Sarmiento, *Facundo: civilização e barbárie* (1845).

Sarmiento foi, no tempo do general Quiroga, participante do partido unitário, tendo sido exilado para o Chile durante o período em que os federalistas estavam no poder, momento em que escreveu a obra supracitada, que é considerada a fundadora da literatura argentina.¹⁵ Na sequência do conto, a personagem Chapanay, como uma guerrilheira que atuou ao lado de Facundo, problematiza mais um dos capítulos da obra, momento em que fala de si enquanto guerreira e tem um diálogo com o professor acerca das amazonas, desconhecidas por ela até então. No conto se lê:

¹⁴ Nossa tradução livre: Seu senhor Sarmiento às vezes parece uma velha contando fofoca, e tende a se equivocar, de tempos em tempos. Quase não acerta uma, nem sequer quando diz que Facundo vivia correndo atrás das mulheres bonitas. Eram mais elas que estavam de olho nele, tanto por sua fama como por sua fortuna. Tampouco é verdade que ele guerreou como um bruto: tanto ele como nós sabíamos bem o que queríamos e o que nos convinha. Mas eu gosto de como ele descreve a luta do Tigre. É tal como se o visse agora mesmo com os olhos.

¹⁵ "Escrito em 1845 por Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), *Facundo* é a obra fundadora da literatura argentina por ser a primeira a romper com os padrões europeus e a criar um espaço autônomo para as letras latino-americanas. Misto de biografia, romance e ensaio político, este clássico traz à tona duas questões caras à formação nacional: civilização e barbárie, como anuncia o subtítulo. Educador e jornalista – e mais tarde presidente da República –, Sarmiento escreveu *Facundo* durante seu exílio no Chile, acossado pela perseguição do caudilho Juan Manuel de Rosas, sucessor de Juan Facundo Quiroga. O autor parte da análise da peculiar natureza do pampa e das relações do homem com este meio para construir seu personagem. Enaltecido por Jorge Luis Borges, *Facundo* é, até os dias de hoje, um arcabouço ao qual se voltam intelectuais e políticos em busca de compreensão para as questões atuais da Argentina". Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/facundo-ou-civilizacao-e-barbarie-3044395/p> consulta - agosto de 2020.

Se entusiasmó más, claro, con el capítulo sobre el rastreador, encarnado em Calíbar. Y también con los del baqueano y el gaucho malo. -Si el señor Sarmiento me hubiera conocido – apuntaba Martina – podía haber puesto los três capítulos en uno. Tanto he guiado tropas, como he buscado hombres y animales, y también los he robado. Claro que si me hubiera mentado a mí quizá ni los porteños ni los gringos le hubiesen creído. Nadie supone que las mujeres hagan esas cosas¹⁶ (LOJO, 2001, p. 140).

Neste trecho se percebe como a construção de Lojo converge para que haja uma caracterização fiel da figura histórica por meio de sua personagem. Martina é aqui, descrita de maneira semelhante aos relatos mencionados no início desta seção sobre a folclórica e lendária Martina Chapanay.

CHAPANAY: MULHER E INDÍGENA

Sabe-se que os romances de cunho histórico (da fase crítica) apresentam uma nova abordagem acerca da história tanto de personagens ficcionais que – em certa medida representam grupos de pessoas colocadas à margem da sociedade pelo discurso histórico oficial – quanto de personalidades históricas que têm sua história contada a partir de um único posicionamento (em geral euro-falocêntrico), o que contribui para que novas possibilidades relacionados a elas sejam criadas, dando voz assim, aos esquecidos da/pela história.

As mulheres constituem um grupo desde sempre marginalizado pela hegemonia masculina não tendo voz na construção dos discursos históricos, no entanto, será que não tiveram, de fato, participação nos fatos relevantes da história? Jean Scott (1992) disserta que

Por isso, reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como 'verdadeiros', ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra

¹⁶ Nossa tradução livre: se entusiasmou mais, claro, com o capítulo sobre o rastreador, representado por Calíbar. E também com os do guia e do gaúcho mau. – Se o senhor Sarmiento tivesse me conhecido – apontava Martina – poderia ter colocado os três capítulos em um. Tanto guiei tropas, como procurei homens e animais, e também os roubei. Claro, se tivesse me mencionado, talvez nem os habitantes de Buenos Aires nem os gringos teriam acreditado nele. Ninguém supõe que as mulheres façam essas coisas.

padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais (SCOTT, 1992, p. 77).

A participação da figura feminina em fatos da pós-modernidade abriu caminhos para que as narrativas de extração histórica – termo utilizado por Trouche (2006)¹⁷ – apresentassem novas possibilidades de inserção das figuras antes marginalizadas, tanto por seu gênero quanto por sua origem, nas reflexões e questionamentos acerca dos fatos históricos. De acordo com Marques (2016): “A posição ativa da mulher na condição pós-moderna possibilitou às escritoras [...] a releitura desse quadro sociocultural no qual buscaram reinscrever a participação das mulheres (índias, mestiças e espanholas) ocultada pela historiografia” (MARQUES, 2016, p. 12).

Nota-se que a partir da construção histórica patriarcal é esperado que a mulher se assuma frágil e incapaz de certas atividades sociais, além de não tomar iniciativas e viver para o homem, dedicando seus dias a ele. Sem cometer anacronismos, mas fazendo uma observação e aproximação com o discurso popular dos anos atuais, nota-se que este pensamento continua em voga na sociedade brasileira, apontando para algumas mudanças neste cenário graças às lutas feministas, no entanto, persistindo o pensamento que permeia os imaginários sociais – principalmente – dos defensores do tradicionalismo familiar, que pregam que a mulher deve permanecer com sua “natureza” frágil, recatada e bela, sendo qualquer atitude que entre em conflito com essa forma de pensar, julgada e sentenciada por uma sociedade presa a convicções de séculos passados. No entanto, a partir da leitura do conto de Lojo, percebe-se que a famosa guerrilheira Martina Chapanay foge a essa regra, tendo feito parte de um universo permeado apenas por homens e, mesmo sendo comparada a eles a todo momento, mostrava-se capaz de realizar qualquer feito que eles pudessem realizar, o que evidencia toda a sua força, habilidade e destreza, enquanto mulher guerreira.

Chapanay além de ser uma figura histórica feminina, era também de descendência indígena e, segundo Marques, a literatura argentina nem sempre apresentou em suas obras a figura do indígena, e quando esta aparecia, apresentava

¹⁷ “Fator paralelo, porém, de importância capital para a opção pelo composto ‘narrativas de extração histórica’, encontra-se no fato de que o diálogo com a história não se restringe ao âmbito do romance histórico, e sua linha de continuidade, ou ao âmbito das chamadas metaficções historiográficas. Ao contrário, no universo do sistema literário hispano-americano, muito antes do século XIX, já encontramos significativa produção narrativa que toma o histórico como intertexto” (TROUCHE, 2006, p. 43 apud BIANCATO; FLECK, 2018, n. p.).

conotações negativas, demonstrando uma tentativa de apagamento desta na literatura nacional até o século XIX. “No entanto, às margens desse sistema canônico patriarcal, foram produzidos, na Argentina, alguns textos que problematizam a representação do indígena no momento do encontro com o europeu, em termos mais complexos” (MARQUES, 2016, p. 12).

A partir dessas reflexões, evidencia-se aqui a importância da obra de Lojo para a formação identitária do povo argentino, uma vez que ela recria cenários históricos a partir das lutas protagonizadas por figuras colocadas à margem pelo discurso oficial. É importante perceber que Chapanay foi uma mulher, de origem indígena, guerreira e que lutou por seu país, e o conto de Lojo proporciona essa nova leitura e reflexão sobre estes fatores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

María Rosa Lojo utiliza recursos históricos em suas obras para, por meio de suas narrativas, oferecer uma versão da história que nunca foi contada. Ela utiliza personagens históricas em enredos ficcionais a fim tocar em alguns assuntos que foram abafados durante o período de formação da Argentina, “Trazendo-os à tona, tenta encontrar outras soluções possíveis, trata de buscar novos caminhos para resolver velhas questões, feridas que resistem a cicatrizar” (ESTEVES, 2016, p. 81).

Nesse íterim, o referido conto se configura como uma narrativa de extração história, no qual é recriada a personagem Martina Chapanay, que teve atuação no processo de criação de identidade cultural argentina, por meio de um enredo que, embora ficcional, sugere uma nova forma de se pensar nessa construção de memória cultural do país.

Assim, a narrativa histórica “*El Maestro y la reina de las Amazonas*” (2001), cujo enredo gira em torno do desejo da personagem em aprender a ler e escrever – fato não estapafúrdio (para alguns leitores), quando poderia se esperar que por se tratar de Martina Chapanay o mesmo poderia ser criado a partir do campo de batalha – desencadeia, ao longo de sua construção, momentos importantes de reflexão sobre a

formação argentina e sobre as lutas vividas na época da luta da independência das colônias espanholas, contribuindo para o movimento de construção de identidade do país.

REFERÊNCIAS

- BIANCATO, Adriana Aparecida; FLECK, Gilmei Francisco. A (Re)Construção da personagem histórica Martina Chapanay (1800-1874) no conto "El Maestro Y La Reina De Las Amazonas" (2001), de María Rosa Lojo. *In: Revista (Entre Parênteses)*. Número 7, Volume 1, 2018 – ISSN 2238-4502. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/821>. Acesso em 10 de abr. de 2020.
- BIANCATO, Adriana Aparecida; FLECK, Gilmei Francisco. *A escrita híbrida de História e ficção de María Rosa Lojo – Amores insólitos de nuestra historia (2001) – A revisitação literária de encontros históricos inusitados*. Dissertação (mestrado em Letras) Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, PR, 2018.
- CHERTUDI, Susana. "La leyenda de Martina Chapanay" [1971]. *In: Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología*. nº 7, Buenos Aires, 1968-1971. Disponível em: <https://revistas.inapl.gob.ar/index.php/cuadernos/article/view/352/125>. Acesso em 15 de abr. de 2020.
- ESTEVES, Antônio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- ESTEVES, Antonio. Roberto. *História e Memória em María Rosa Lojo (Tributo a Marilene Weinhardt)*. Revista Letras, Curitiba, n. 96, jun/dez 2016, p. 69-87.
- FANCHIN, Ana Teresa. *Martina Chapanay en la Construcción Literaria y en el Imaginario Popular*. Revista dos Puntas, San Juan, v. 6, n. 10, p.115-128, out. 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5067216>. Acesso em 15 de abr. de 2020.
- FLECK, Gilmei Francisco. O processo de leitura do romance histórico: confluências de perspectivas e discursos. *In: 16ª JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS*, 16. 2013, Marechal Cândido Rondon. *Anais...* Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2013. p. 1 - 8.
- LE GOFF, Jacques. A história do cotidiano. DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe; DURIE, Emmanuel le Roy et all. História e nova história. Trad. Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema, 1986. *In: MARQUES, Gracielle. A voz das mulheres no romance histórico latino-americano: leituras comparadas de Desmundo, de Ana Miranda e Finisterre, de María Rosa Lojo / Gracielle Marques*. Assis, 2016. 234 f.
- LOJO, María Rosa. *Amores insólitos de nuestra historia*. 1. ed. Buenos Aires, Aguilar, 2001.
- MARQUES, Gracielle. *A voz das mulheres no romance histórico latino-americano: leituras comparadas de Desmundo, de Ana Miranda e Finisterre, de María Rosa Lojo / Gracielle Marques*. Assis, 2016. 234 f.
- NASCIMENTO, Maria Roberta Soares do; FRANKLIN, Ruben Maciel. Sarmiento: A civilização e a barbárie na identidade argentina. *In: Ameríndia*, volume 3, nº1/2007. Disponível em: www.periodicos.ufc.br/amerindia/article/download/1568/1420 Acesso em 11 de ago. de 2020.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 113.

SCOTT, Jean. História das mulheres. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

TROUCHE, André Luiz. Gonçalves. América: história e ficção. Niterói: Ed. UFF, 2006. In: BIANCATO, Adriana Aparecida; FLECK, Gilmei Francisco. A (Re)Construção da personagem histórica Martina Chapanay (1800-1874) no conto *El Maestro Y La Reina De Las Amazonas* (2001), de María Rosa Lojo. *Revista (Entre Parênteses)*. Número 7, Volume 1, 2018 – ISSN 2238-4502. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/821>. Acesso em 10 de abr. de 2020.

LA RECONSTRUCCIÓN DE MARTINA CHAPANAY EN EL CUENTO HISTÓRICO EL MAESTRO Y LA REINA DE LAS AMAZONAS (2001)

RESUMÉN: El propósito de este artículo es presentar la figura del imaginario popular argentino, Martina Chapanay, y su recreación a través del cuento “El Maestro y la Reina de las Amazonas” (2001), de María Rosa Lojo, mostrando cómo contribuye la relectura histórica para la resignificación de la identidad de un lugar. Chapanay es, hasta el día de hoy, una figura viva en el imaginario popular argentino, por haber luchado junto a Facundo Quiroga en el siglo XIX, en la lucha por la independencia de las colonias españolas, y es recreada, con maestría, por la autora María Rosa Lojo, en una de catorce relatos de la obra *Amores insólitos de nuestra Historia* (2001), manteniéndose fiel a su descripción popular, pero a partir de un encuentro fuera de los campos de batalla. El método utilizado en el desarrollo de esta investigación es la revisión bibliográfica, con consideraciones de autores como Jacques Le Goff (1986); Jean Scott (2007); Esteves (2010; 2016); Fanchin (2014); Marques (2016) y Biancato y Fleck (2018), para analizar e interpretar al citada personaje desde la perspectiva de la narrativa de extracción histórica, con el fin de mostrar cómo esta reconstrucción de la historia a partir de narrativas de ficción es importante para la construcción de la identidad argentina. La propuesta fue considerar como pilares temas como la marginación de los discursos femeninos e indígenas en la formación de la identidad argentina, que se evidencian en la obra en cuestión, posibilitando una nueva versión de los hechos, desde el punto de vista de Chapanay, mujer de ascendencia huarpe, propiciando momentos de reflexión que puedan contribuir a la resignificación de la identidad del pueblo argentino.

Palabras clave: Martina Chapanay. Historia y ficción. Resignificación.